

O LIVRO-TESTEMUNHO DE CADA ÉPOCA

Vamos à descrição da estalagem. Não pode ser clássica; assobiam-me todos esses rapazes de pêra, bigode e charuto, que fizeram literatura cava e funda desde a porta do Marrare até ao café de Moscovo...

Mas aqui é que me aparece uma incoerência inexplicável. A sociedade é materialista; e a literatura que é a expressão da sociedade, é toda excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista! Sancho rei de facto. Quixote rei de direito.

Pois é assim; e explica-se. — É a literatura que é uma hipócrita: tem religião nos versos, caridade nos romances, fé nos artigos de jornal — como os que dão esmolas para pôr no Diário que apanharam orfãos na Gazeta, e sustentam viúvas nos cartazes dos teatros.

E falam do Evangelho! Deve ser por escárnio. Se o lêem, hão-de ver lá que nem a esquerda deve saber o que faz a direita...

Vamos à descrição da estalagem; e acabemos com tanta digressão.

Não pode ser clássica, está visto, a tal descrição. — Seja romântica. — Também não pode ser. Por que não? É por-lhe lá um Chourineur a amolar um facão de palmo e meio para espatifar rês e homem, quanto encontrar — uma Fleur-de-Marie para dizer e fazer pieguices com uma roseirinha pequenina, bonitinha, que morreu, coitadinha! e um príncipe alemão encoberto, forte no soco britânico, imenso em libras esterlinas, profundo na gíria de cegos e ladrões... e aí fica a Azambuja com uma estalagem que não tem que invejar à mais pintada e da moda neste século elegante, dedicado, verdadeiro, natural!

É como eu devia fazer a descrição; bém o sei. Mas há um impedimento fatal, incrível — igual ao daquela famosa salva que se não deu... é que nada disso lá havia.

E eu não quero caluniar a boa gente de Azambuja. Que me não leiam os tais, porque eu hei-de viver e morrer na fé de Boileau.

Rien n'est beau que le vrai

Já se diz há muito ano que honra e proveito não cabem num saco; eu digo que beleza e mentira também lá não cabem: e é a mais portuguesa tradução que creio que se possa fazer daquele imortal e evangélico hemistíquio. A maior parte das belezas da literatura actual fazem-me lembrar aquelas formosuras que tentavam os santos eremitas na Tebaida. O pobre de Santo Antão ou de S. Pacómio (Pacómio é melhor aqui) ficavam embasbacadas ao princípio; mas dava-lhe o coração

uma pancada, olhavam-lhe para os pés... Cruzes maldito! Os pés não podia ele encobrir. E ao primeiro abrenúntio do santo, dissipava-se a beleza em muito fumo de enxofre, e ficava o diabo negro, feio e cabrum como quem é, e sempre foi o pai da mentira.

Nada, nada, verdade e mais verdade. Na estalagem da Azambuja o que havia era uma pobre velha a quem eu chamei bruxa, porque enfim que havia de eu chamar à velha suja e maltrapida que estava à porta daquela arqueosa casa?

Havia lá esta velha, com a sua moça mais moça mas não menos nojenta de

CONTINUA NA PÁGINA 2

BIBLIOTECA MUNICIPAL AVEIRO

FEIRA DO LIVRO

RAZÕES E RESULTADOS

Pensámos que seria útil informar o público das razões da Feira do Livro e até, porque já é possível, fazer aproximada previsão dos seus resultados. São curiosidades que acodem ao espírito dos que se interessam por estas coisas, novidades na nossa terra e que se integram perfeitamente nas Festas da Cidade.

Com efeito, durante muitos anos, Aveiro constituiu elevado farol do espírito. Aqui se revelaram nomes grandes da literatura, da ciência, da

poesia e da oratória aureolados do prestígio excepcional, ainda hoje falados por esse país fora.

Ora estes pergaminhos teriam, fatalmente, de incitar realizações que, de algum modo pudessem contribuir para autenticar com o selo do presente, a herança do passado. A Feira do Livro impunha-se, por consequência.

A vida apressada da nossa época e a fogsidade do esforço desta região nos rumos do progresso industrial, davam força à ideia da Feira do Livro, já que ao cidadão que trabalha não restam horas compatíveis com

CONTINUA NA PÁGINA 2

Dizem que cada homem tem o seu estilo, como tem uma caligrafia, uma voz; e, se o não tem, falta-lhe alguma coisa do que deveria constituir a sua personalidade, do que o deveria distinguir da massa comum. Ele pode não assinar senão com uma letra ou com um número, ele pode mesmo esconder-se à sombra doutro nome qualquer; é inútil: o seu estilo o descobre, como pode o perfume preferido descobrir o rosto que a máscara tapa.

Como a água salta duma fonte, assim a palavra lhe salta, a ele, do mais íntimo dele mesmo — cheia de imagens, abundante e variada, com todos os tons, com todas as cores, com todos os matizes, pura, verdadeira, cristalina, corrente, sem esforço. É ele, o homem, a sua maneira, a sua forma, o seu estilo, a sua linguagem, a sua pena, o sua alma; é ele — não pode ser outro, não pode haver engano.

D. João Evangelista de Lima Vidal

A FEIRA DO LIVRO

RAZÕES E RESULTADOS

Continuação da primeira página

visitas às livrarias. Neste somatório de bases assentou a corporização da ideia, cuja autoria pode ser reivindicada por todos que, o que importa, é a sua realidade.

Do ponto de vista dos editores, não há dúvida que a Feira do Livro mereceu total aceitação e apoio e o mesmo se poderá dizer das entidades locais a nível distrital ou concelhio que desde a primeira hora animaram com valiosos incitamentos, os seus devotos obreiros.

É certo que surgiram contratempos, atitudes de difícil compreensão, consubstanciadas depois em graves infracções às coordenadas éticas, onde deveriam estabilizar os conceitos profissionais dos livreiros da cidade. É que, desde o início, foram patentes as condições e colocadas em igualdade absoluta as facilidades, num desejo de colaboração íntima que não destacasse ninguém. Só poucos teimaram em seguir em frente. Os outros preferiram alhear-se da organização e, calmamente, aguardaram os acontecimentos. A Feira do Livro de Aveiro entrou em funcionamento. Se até ali, a posição dos livreiros não colaboradores no certame era perfeitamente respeitável, logo a seguir surgem nas montras dos seus estabelecimentos — de poucos, ape-

nas, há que dizê-lo — as condições de venda só possíveis em Feiras do Livro!

Refere-se o pormenor para demonstrar que não é fácil organizar algo de válido, sem o risco de pequenos obstáculos, deliberadamente colocados no caminho das realizações...

Mas a Feira está decorrendo. É inegável a razão que assiste aos que discordam da sua localização.

Em qualquer circunstância, a I Feira fez-se no recinto das Verbe-

nas. A segunda há-de instalar-se em melhor local, temos a certeza. E mais: teremos a certeza de que haverá segunda...

Não serão animadores, à luz estritamente comercial, os resultados obtidos. Mas quem tem testemunhado a presença popular e o seu interesse no manuseamento de um livro aqui, outro além, sente que a próxima feira será duplo êxito, porque então já nem é difícil prever razoáveis resultados financeiros.

Aos organizadores, cujo esforço e canseiras foram amplamente compensados pela presença do povo, resta agradecer a simpática compreensão dos aveirenses, especialmente daqueles que disseram a palavra de estímulo e de amizade, cujo valor é mister contabilizar devidamente.

O LIVRO

Testemunho de cada época

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

ver que ela, e um velho meio-paralítico meio-demente que ali estava para um canto com todo o jeito e traça de quem vem folgar na taberna porque já bebeu o que havia de beber nela.

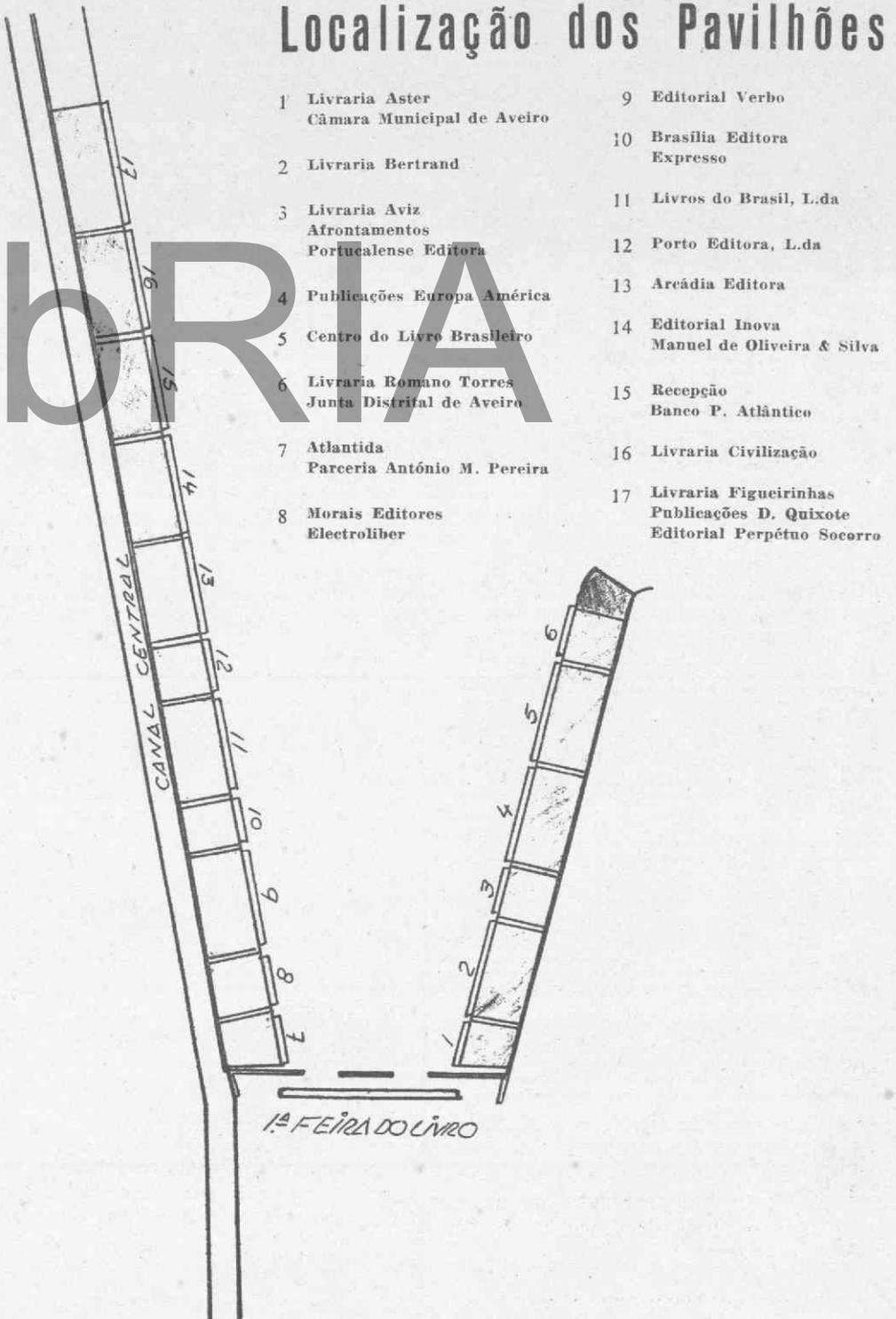
Matava-nos a sede; mas a água ali é beber quartãs. O vinho era atroz. Limonada? Não há limões nem açúcar. — Mandou-se um próprio à tenda no fim da vila. Vieram três limões que me pareceram de uns que pendiam, quando eu vinha de férias, à porta do famoso botequim de Leiria.

O açúcar podia servir na última cena de M. de Pourceaugnac muito melhor que numa limonada. Mas misturou-se tudo com a água das cezões, bebemos, pusemo-nos em marcha, e até agora não nos fez mal, com o ser a mais abominável, antipática e suja bagagem que se pode imaginar.

Caminhamos na mesma ordem até chegar ao famoso pinhal da Azambuja.

"A Minha Terra" de Almeida Garret

Localização dos Pavilhões



A Feira vista pelo povo

Quisemos conhecer a opinião do povo anónimo, que aqui no recinto desta I Feira do Livro, junto aos pavilhões, olha o livro, consulta os seus índices e muitas vezes acaba por adquiri-lo.

Ao acaso encontramos gente de diversas classes sociais e então o que dessas pessoas colhemos leva-nos àquele ditado latino: vox populi, vox Dei. As perguntas simples surgiram respostas desinibidas, filosóficas e outras cheias também de simplicidade.

Elas aqui ficam:

- O que é para si uma Feira do Livro?
- Quanto a esta primeira realização em Aveiro, qual a sua opinião?
- Quais as suas preferências literárias?
- Dos autores portugueses qual o preferido?
- O local ideal seria este, Avenida ou Parque?

MÉDICO

— A aproximação do livro do público, pois por vezes o público em simples passeio, procura e compra o livro que necessita.

— Que deve continuar pois as cidades de província têm tanta necessidade de uma feira do livro como Lisboa ou Porto. Pequena mas agradável. Se a compararmos a Lisboa ou Porto. O mais difícil é a primeira.

- Conto histórico, autobiografias.
- Eça de Queiroz.
- Parque.

ESTUDANTE DE ENGENHARIA

— O livro à procura do leitor, por outro lado um golpe financeiro dos editores, principalmente na de Lisboa e Porto.

— Boa iniciativa, apesar de má localização e sem a colaboração necessária da parte editorial.

- Sócio-políticas, ficção (conto).
- Fernando Namora.
- Avenida.

EMPREGADO BANCÁRIO

— É a tentação de todo aquele que goste de desenvolver a sua cultura e gastar dinheiro.

- Muito pobre no aspecto publicitário.
- O romance clássico.
- Fernando Namora.
- Avenida.

PROFESSORA NO ENSINO LICEAL

— É a possibilidade de adquirir livros com 20%.

— Pobre, pois apenas conheço a de Lisboa, no entanto é uma ideia louvável e que se deve continuar.

- Bom romance.
- Eça de Queiroz.
- Avenida.

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

— A melhor maneira de trazer a literatura ao Povo.

— Como 1.º passo está bastante bom.

— Literatura moderna actual, e de certo modo actuante.

- Urbano Tavares Rodrigues.
- Avenida.

FUNCIONÁRIO DE FINANÇAS

— Local onde o público possa procurar mais facilmente o livro.

— Boa ideia, esperamos que continue em ponto maior.

- Romance e Livros de Arte.
- Camilo Castelo Branco.
- Avenida.

ARTISTA DE SAPATARIA

— Local onde o público interessa a procura do livro.

— Pouco frequentada, portanto esperamos que no futuro, o público corresponda a iniciativas deste género.

- Assuntos regionais.
- Eça de Queiroz.
- Aqui.

ESTUDANTE DO 1.º ANO LICEAL

— Barracas com livros para onde nós olhamos procurando os que desejamos.

- Actual e bastante boa.
- Aventuras.

— Infelizmente os nossos escritores pouco se interessam com a nossa idade, portanto neste momento não me ocorre nenhum.

- Avenida.

Continua na página 7



TIPOGRAFIA DE AVEIRO, L.DA

**TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
FOTOGRAVURA**

Largo Senhora da Alegria, 25—Telef. 27157—Apartado 148

AVEIRO

A SINCERIDADE NO ROMANCE BRASILEIRO

Mais do que a afirmação do seu talento e da sua humanidade; mais do que o vigor das suas tendências; mais do que a beleza insinuante do seu estilo; mais do que a expressão de ineditismo, julgamos que aquilo que sobreleva tamanhas qualidades no romance brasileiro é a sua sinceridade.

Não curamos de saber se isto já foi dito. É útil dizê-lo agora: a sinceridade no romance brasileiro é a perda de toque da sua Arte. Por isso, alguns dos romances brasileiros têm um sabor primitivo que nos arrasta. Sim, não tenhamos indecisões: essa sinceridade chega a ser primitiva. Eis como o romancista brasileiro se afirma, e as suas obras ganham com isso aquela projecção que anteriormente não tinham.

A sinceridade, eis o que mais convém ao escritor. Somos chegados a uma encruzilhada que se não compadece com retóricas. A verdade é para se dizer, seja ela agradável ou desagradável. Ao romancista está vedado esse receio de dizer a verdade.

Em nosso entender, é pela sinceridade que se exalta a verdade, seja ela a do Homem ou a das Sociedades. É certo que essa sinceridade pode ter, pelo seu excessivo uso, graves inconvenientes, inclusive o de cristalizar o escritor e a sua obra, pelo artifício. Tal inconveniente está, porém, muito longe do verdadeiro escritor, daquele que sabe cantar, consoante a interpretação de Carlyle. Para esses escritores, o artifício não conta. O Homem guarda no seu coração mundos inesgotáveis de

verdade. Saiba ele exprimir-se com sinceridade, que do seu exemplo sairão os frutos.

O romancista, como todo o homem de letras, aliás, deve ser portador de uma mensagem para um mundo melhor. É evidente que não queremos pôr aqui a questão de subordinação ou utilitarismo. O romancista deve exprimir a sua mensagem livremente. Essa mensagem tem de ser, todavia, firmada na sinceridade. Que o não seja, e o romancista arrisca-se a falhar.

Sinceridade até ao primitivismo—eis o que, repetimos, caracteriza, precisamente, o romance brasileiro. De Jorge Amado a Lins do Rego, deparamos com uma sinceridade que nos empolga e clarifica. Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Jorge de Lima, Ciro dos Anjos e tantos mais, chegam com uma obra que é uma mensagem de sinceridade. Mesmo que alguma coisa exista de parcial em Jorge Amado ou em Erico Veríssimo, essa extraordinária qualidade lá está sempre, como fulcro de uma obra que pertence já ao tempo.

in "Homens e Coisas do Brasil" de Marques Gastão

FEIRA DO LIVRO UMA VISITA ONDE SE FALA DE PESSOAS, JOVENS E EDUCADORES

Visita à 1.ª Feira do Livro em Aveiro, era uma decisão «familiar» logo que se soube da sua existência.

Lá fomos noite calma dum Julho ventoso, e surpresa foi encontrar tal movimento de pessoas e gentes.

Pessoas com muito boa vontade no fazer e no acertar, era a nota dominante, em sacrifício de tempo dedicado a um «serviço», após o dia de trabalho, são pessoas a quem resta ainda um pouco de amor para trazer até nós, gentes em Aveiro, o conhecimento do que é o livro. Todas aquelas pessoas se mostram diligentes e atenciosas no atender. E o que «ganham»

aqueles rapazes; porque os organizadores são todos, certamente...

Se os livros nos ensinam alguma coisa, então é verdade, que quanto mais nos aproximamos do povo, mais aprendemos.

Pois é de louvar sem rodeios, a atitude de levar por diante esta Feira do Livro, e que bom seria que da mesma, todos quisessem aproveitar. Os pais e educadores que tanto «barafustam» contra a juventude, quando não contra os próprios filhos, já pensaram em dar um passeio até lá, na companhia deles para em conjunto, verem, trocarem impressões, escolherem e decidirem? ...

Debruçando-me de novo sobre a realização da Feira, trago ao «papel», algumas sugestões para a 2.ª Feira do Livro num aperfeiçoar que o êxito desta 1.ª Feira do Livro em Aveiro, justifica.

Será possível adaptar a exposição por meio de assuntos? Nomeadamente na leitura para crianças, jovens e adolescentes, seleccionarem por esta ordem três pavilhões onde se exigiria pessoa competente para aconselhar. Muito facilitaria a missão de quem para além de comprar procura escolher.

Quanto ao local, pois é caso para perguntar: para que serve a Avenida? Será como brinquedo de criança para ter na vitrina?

Por aqui nos ficamos neste apontamento, não sem fazer votos para que a 2.ª Feira do Livro seja realizada em tempo de aulas, e seja na devida altura estabelecida cooperação com estabelecimentos de ensino para organização de visitas de alunos, por grupos, acompanhados. Feira do Livro.

Muita gente lá tem ido e esperamos que os outros ainda por lá passem.

T.B.

RESTAURANTE

“FAROL”

AMBIENTE REQUINTADO

SELECCIONADA COZINHA REGIONAL

RESTAURANTE «FAROL»

TELEFONE 22923 - PRAIA DA BARRA

INTRODUÇÃO À ARTE DE FALAR EM PÚBLICO

FALAR BEM é o melhor meio de pensar bem. H. A. Overstreet, o mais famoso dos divulgadores da psicologia contemporânea, faz-nos estas observações muito sérias:

«Muitas crianças aprendem logo a falar a linguagem da gente que as rodeia. No entanto poucas entre elas continuam o seu amadurecimento verbal pela vida afora. Poucas, na idade adulta, vêm a ser capazes de dizer o que querem dizer — com segurança, precisão, beleza e capacidade de compreender o que tem cabimento dizer em cada situação. Por isso, da experiência da comunicação pode-se dizer que mais vezes falha do que tem êxito. Em nenhum sector da maturidade (psicológica) se interrompe esse processo mais comumente do que no da comunicação. É tão comum a interrupção que as pessoas geralmente nem se apercebem disso. Tomam-na como natural. A pessoa amadurecida nos

seus poderes de comunicação é considerada excepção à regra. A pessoa imaturamente interrompida, desajeitada, divagante, maçadora, sensaborona, desprovida de sensibilidade — é a regra.»

Como seria impossível dizer, a sério, sobre este tema, mais do que em tão poucas palavras disse o Professor Overstreet, faço minhas as suas palavras, transcritas do livro **The Mature Mind** (W. W. Norton & Co., editores, Nova York, 1949, p. 54-55.)

Quando se ensina português, parece que frequentemente se esquece que esta é a língua que as crianças vão falar o resto da vida. Fica um português para aprender em aula e outro para se comunicar com as demais pessoas. Dir-se-ia que se trata de uma língua para fazer exames — e depois voltar àquela cuja gramática me assombrou, na estante de meu avô, como se fosse um livro de coisa feia: a Gramática da

Língua Bunda, ou angolesa, falada também no Congo e em Benguela. Mas por favor, não tireis às crianças o linguajar daquele meu amigo Jonjoca Reis, que o conservou até agora, para dizer:

— Não gosto dele porque é nhenhen, nhenhen, nhenhen... Gosto de sujeito que é tátátá, tátátá, tátátá-tá-tá!!!

E todos concordam com ele! Eis o milagre da eloquência.

Falar sozinho é bom, calar em público ainda melhor. Mas, calar é uma arte hermética. Em geral as pessoas preferem o contrário, em si ou nos outros, de sorte que existem muitíssimos tratados, à venda nos aeroportos, sobre a arte de falar em público. Esses manuais e compêndios variam bastante. Vão desde **O Orador do Povo**, gloriosa edição Quaresma, até aos complicados estudos sobre a glote e a epiglote, o centro cerebral que regula o mecanismo da falação, o estribo e a série de cartilagens do aparelho auditivo.

in "Uma rosa é uma rosa é uma rosa" de Carlos Lacerda

DANKAL

TINTAS PARA:

Automóveis, Indústria, Construção Civil e Naval



AVEIRO

TELEFS. 23901, 23535 E 25051

A IMPRENSA E A FEIRA DO LIVRO

As feiras são mais antigas do que os livros. Pelo menos, as feiras de traficar coisas de mãos para mãos (coisas, frutos e animais) porque os livros impressos (os livros verdadeiramente) apenas nasceram no outro dia, há uns escassos quinhentos anos.

Parece-me que, para lá dos escapates de venda ao público, do interesse comercial dos editores e livreiros e das perguntas que as pessoas, passando, se fazem perante as capas coloridas, a grande questão que vale a pena ser meditada mergulha as suas raízes nessa essencial dicotomia: é mais importante (ainda) a feira ou (já) é mais importante o livro?

Quer dizer: quando se promove uma realização deste género (e nunca é fácil promovê-la a partir dum zero quase total) qual é o objectivo predominante dos que promovem — e dos que aderem: vender — ou ler?

Esta é uma experiência inicial, aqui nesta cidade. Uma espécie de balão sonda. A ver vamos que números e resultados apontarão os aparelhos medidores das condições e das sensibilidades. A resposta não será dada, ainda, definitiva e peremptória: ela irá surgindo a pouco e pouco. Feira após feira (pois esta primeira não será a última, certamente). Ou melhor: livro a livro. Isto é: pessoa a pessoa.

E talvez depois, tenhamos ganho, colectivamente, uma outra noção mais autêntica do rosto que possuímos. Porque as feiras dos nossos interesses são o retrato das nossas opções. E os

livros, as palavras com que mutuamente nos compreendemos. Ou não.

V.C.M.

Se as pessoas não são educadas no sentido de considerarem o livro como um objecto necessário no quotidiano, não serão nunca as «feiras» a ter função assinalável na promoção cultural do povo. No aspecto didáctico, há responsabilidades a que um certame como este, com implícitas propostas, não se pode furtar.

Livros para toda a gente? Mais baratos? Mas que livros?

Concordo (na generalidade) com iniciativas deste tipo. Mas preocupam-me (porque estou atento) quaisquer actos que possam redundar no demagógico.

No entanto, que Aveiro possa ter no próximo ano a sua segunda (melhorada) «Feira do Livro».

José Sarabando

UM EXEMPLO DE CORAGEM

Pode às vezes parecer que não, mas Aveiro é ainda uma cidadezinha de província. Bem sabemos que deseja a primazia em muita coisa — e é verdade que em algumas coisas vai mesmo à frente.

Aguentaria Aveiro uma FEIRA DO LIVRO?.

Agora, feitas as contas, poderá falar quem teve a iniciativa. Contas na base da receita e da despesa, não somando canseiras e trabalhos, e contas no que diz respeito à promoção cultural.

Mas isto fica: o exemplo de coragem de alguns homens.

M. Caetano Fidalgo

AVEIRO rumo à cultura

O alargamento da investigação e, sobretudo do ensino, tem contribuído para o progresso da cultura, embora esta tenha evoluído para a especialização, na ânsia de acompanhar a tecnologia.

Aveiro, que se afadiga em albergar um centro universitário, carece de instrumentos básicos de estudo que, infelizmente, não abundam para além dos meios de ensino que dispõe.

A literatura entre nós, os de Aveiro, também não parece ocupar muitos espíritos, a avaliar pelo movimento dos nossos livreiros e da biblioteca pública.

Um punhado de aveirenses de boa vontade — bem poucos — arrostaram com dificuldades sem conta para trazerem à cidade dos canais a «Feira do Livro» no propósito, louvável, de levar as suas publicações a um maior número de leitores, em condições mais económicas e, simultaneamente, contribuir para a valorização cultural da sua terra.

Foi atingido o objectivo? Cremos bem que os aveirenses não estiveram à altura das suas responsabilidades perante o esforço e o interesse da iniciativa!

Sem o livro, a cultura, definida como uma «inteligência transmissível» não teria existência válida, e porque acreditamos que há cada vez mais gente ansiosa pelo saber, entendemos que a iniciativa — dado o seu mérito — deverá prosseguir.

H.S.

FEIRA DO LIVRO

FEIRA DO LIVRO. Exemplo de coragem. E não só. Manifestação de vitalidade, vitalidade que foi abnegação, que foi um sentir de amor, que foi um querer de fé. Exemplo de coragem, em terra em que há um mundo a realizar.

FEIRA DO LIVRO em AVEIRO, a primeira, quase de improviso, em local que não seria o melhor, em barracas de recurso.

Resultados?!!!

Eles virão. Este foi o primeiro investimento, investimento da coragem e da fé. E não só. Foi ainda e sobretudo investimento da inteligência.

Ulisses Rodrigues Pereira



Pneus
SEIBERLING

... agora fabricados em Portugal, para rolar e durar.

De enorme resistência e segurança, foram já escolhidos pelos grandes nomes do automobilismo nacional.

Agentes oficiais em Aveiro

VARIDAUTO, L.da

Posto BP — Variante de

AVEIRO

A Feira vista pelo povo

continuação da página 3

SOLDADO DE INFANTARIA

— Princípio para tirar conclusões de algo melhor através do livro.

— Tratando-se da primeira está bastante boa e assim esperamos que o futuro lhe dê maiores proporções.

— Bom romance.

— Camões.

— Parque.

VENDEDOR DE ELECTRODOMÉSTICOS

— Divulgação do livro.

— Arranjar pavilhões à altura do livro.

— Romance.

— Eça de Queiroz.

— Avenida.

FUNCIONÁRIO DA CÂMARA

— Uma oportunidade do livro ser divulgado e a possibilidade de o público encontrar o que deseja a preço inferior.

— Com muito interesse.

— Teatro e romance histórico.

— Alexandre Herculano.

— Avenida.

ESTUDANTE DO 5.º ANO LICEAL

— Local onde podemos encontrar o livro a um preço mais acessível.

— Bastante boa.

— Aventuras e romance.

— Eça de Queiroz.

— Avenida.

FUNCIONÁRIO DA PREVIDÊNCIA

— Divulgação do livro com maior facilidade de compra.

— Que devia ser maior e com maior publicidade.

— Evolução sociológica e romance realista.

— José Cardoso Pires.

— Avenida.

SACERDOTE E PROFESSOR

— Protesto público contra a ignorância do livro.

— Um nascimento muito adulto.

— Psicologia, pedagogia e obras consagradas da nossa literatura.

— Sebastião da Gama.

— Avenida.

VIAJANTE DE PASSAGEM POR AVEIRO

— É uma expansão de literatura num país onde a cultura não é abundante.

— Aveiro que é uma cidade de pergaminhos era há muito merecedora de uma Feira do Livro.

na — Gosto de ler o que quero e aquilo que me oferecem.

— Aquilino Ribeiro.

— Avenida.

PROFESSOR DO CICLO PREPARATÓRIO

— Um meio de divulgação da cultura, aberto à massa heterogénea que a visita.

— A todos os títulos louvável o arrojo da iniciativa; necessário o estímulo, para que se lhe dê continuidade.

— Temática de História e Psicologia e Poesia.

— Eça de Queiroz.

— Este, mas devidamente explorado.

ENGENHEIRO

— Processo válido e eficaz de levar o livro e portanto a cultura a camadas de população que habitualmente estão longe deles.

Sendo a primeira com todas as suas deficiências e talvez relativa representatividade das editoras e livrarias aveirenses é no entanto necessária como é sempre necessário o pontapé de saída para o jogo começar.

biblioteca

SATÉLAUTO

AVEIRO — COIMBRA

CONCESSIONÁRIOS



Valiosa campanha de carros
usados com garantia



Brevemente: Grande exposição
dos novos modelos **GRANADA E CONSUL**



bib**R**IA

I FEIRA DO LIVRO DE AVEIRO

Colaborando com a Comissão Organizadora da 1.^a Feira do Livro de Aveiro num dos certames de maior prestígio na vida cultural do Distrito, estamos de novo presentes ao serviço do público e da actividade livreira Nacional. Procuramos, deste modo, participar também mais activamente no esforço de valorização intelectual do País



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

apoio firme ao trabalho nacional